 doi: https://doi.org/10.35699/2525-8036.2022.38805

O COLAPSO DO EXISTENTE E A VOLTA AO SUJEITO COMO AGENTE SOCIAL: NOTAS A PARTIR DE RICHARD TARNAS E ALAIN TOURAINE

Cesar Augusto Veras[*] *& Fernando Campos Peixoto*[**] *& Pedro Pereira Borges*[***]

Resumo: Após um caminho de grandes descobertas e revoluções científicas, o mundo deixou de gravitar em torno da religião, de Deus, para girar ao redor do ser humano, que ante a pluralidade de pensamentos, teorias e possibilidades, "perdeu-se" no sentido de sua própria existência. "Esvaziou-se". E não bastando, levou a Filosofia a um "colapso", condicionando-a a uma visão fragmentada e mais adequada aos padrões das técnicas. Este trabalho objetiva apontar algumas notas sobre a importância da Filosofia para a retomada do sentido da existência do sujeito como agente social, a partir da leitura de Richard Tarnas e Alain Touraine, de maneira particular, das obras *Epopeia do pensamento ocidental* e *A crítica da modernidade*, respectivamente. As pesquisas nos levam a perceber que para a superação da "crise" que se instalou na cultura ocidental, o ser humano deve voltar o olhar para si mesmo, buscando refletir a realidade a partir do todo e não de uma visão unilateral. Devendo assim, conceber uma Filosofia encarnada na realidade, que busque a transformação social ajudando o ser humano no processo de desenvolvimento integral.

Palavras-chave: Filosofia; Sujeito; Agente social; Humano; Cultura ocidental.

THE COLLAPSE OF THE EXISTENT AND THE RETURN TO THE SUBJECT AS A SOCIAL AGENT: NOTES FROM RICHARD TARNAS AND ALAIN TOURAINE

Abstract: After a path of great discoveries and scientific revolutions, the world stopped gravitating around religion, around God, to revolve around the human being, who, faced with the plurality of thoughts, theories and possibilities, "lost" the meaning of his own existence. He "emptied himself". And not enough, it led Philosophy to a "collapse", conditioning it to a fragmented vision, more adequate to the standards of techniques. This work aims to point out some notes on the importance of Philosophy for the retaking of the

[*] Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e Pós-Graduado em Docência no Ensino Superior e em MBA Executivo em Gestão Empresarial pela mesma instituição. Pós-Graduado em MBA em Gestão de Pessoas pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3620-7559. Contato: veras.cesaraugusto@gmail.com.

[**] Licenciado em Filosofia pelo Claretiano-Centro Universitário (CLARETIANO); Bacharel em Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); Pós-Graduado em Gestão de Pessoas pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); Pós-Graduado em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); Pós-Graduado MBA em Liderança e Coaching na Gestão de Pessoas pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR); Mestrando em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2831-4488 . Contato: fernandocamposdf@gmail.com

[***] Possui graduação em Pedagogia e Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande-MS (UCDB-CG), graduação em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino de Belo Horizonte (ISTA) e Università Pontifícia Salesiana di Roma (UPS-Roma) (2001), mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (2007) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (2012). ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9183-5051 . Contato: pobojari@uol.com.br.

sense of existence of the subject as a social agent, based on the reading of Richard Tarnas and Alain Touraine, particularly on the works Epic of Western Thought and The Criticism of Modernity, respectively. The researches lead us to realize that in order to overcome the "crisis" that has been installed in Western culture, the human being must turn his gaze towards himself, seeking to reflect reality from the whole and not from a unilateral vision. Thus, we must conceive a Philosophy incarnated in reality, which seeks social transformation, helping the human being in the process of integral development.

Keywords: Philosophy; Subject; Social agent; Human; Western culture.

EL COLAPSO DE LO EXISTENTE Y EL RETORNO AL SUJETO COMO AGENTE SOCIAL: NOTAS DE RICHARD TARNAS Y ALAIN TOURAINE

Resumen: Tras un camino de grandes descubrimientos y revoluciones científicas, el mundo dejó de gravitar en torno a la religión, en torno a Dios, para girar en torno al ser humano, que, ante la pluralidad de pensamientos, teorías y posibilidades, "perdió" el sentido de su propia existencia. Se ha "vaciado". Y no basta, ha llevado a la Filosofía a un "colapso", condicionándola a una visión fragmentada, más adecuada a los estándares de las técnicas. Este trabajo pretende señalar algunas notas sobre la importancia de la Filosofía para retomar el sentido de la existencia del sujeto como agente social, a partir de la lectura de Richard Tarnas y Alain Touraine, en particular de las obras Epopeya del pensamiento occidental y La crítica de la modernidad, respectivamente. Las investigaciones nos llevan a percibir que para superar la "crisis" que se ha instalado en la cultura occidental, el ser humano debe volver la mirada hacia sí mismo, buscando reflejar la realidad desde el conjunto y no desde una visión unilateral. Así, debemos concebir una Filosofía encarnada en la realidad, que busca la transformación social, ayudando al ser humano en el proceso de desarrollo integral.

Palabras clave: Filosofía; Sujeto; Agente social; Humano; Cultura occidental.

---

1 Considerações Iniciais

Ante as inovações advindas com o período da Idade média, como as Revoluções Científicas, Deus deixa de ser o fundamento elementar, cedendo seu lugar, deste modo, ao sujeito. Em tal contexto, a Igreja deixa de ser também o centro, isto é, o elemento condicionante da humanidade; suas teses, convicções e crenças passam a ser “desqualificadas”, fazendo desse modo, com que a religião seja posta de lado. O indivíduo encontra, assim, um lugar mais livre para ele próprio, discernir e defender no mundo aquilo que é válido e aquilo que é inválido, sem se submeter à anuência da Igreja, isto é, aos parâmetros por ela estabelecidos. Nesse contexto então, a religião, de modo especial, o cristianismo no mundo ocidental, tornou-se vulnerável e discutível. A humanidade inicia a sua percepção e a sua compreensão na divisão entre o espiritual e o temporal.

Novamente é despertado na humanidade a valorização e o sentido pela vida social, pelo cotidiano. Todavia, não se detém apenas nessa direção, busca-se entender o ser humano agora, como um ser mais complexo, com desejo, forças impessoais, individual e privado. Reformula-se a ideia acerca do ser humano. Ele vê-se livre para criar, para agir e para atuar, sem uma instituição que se apresentava muitas vezes como "moralista" e "reguladora". Contudo, posteriormente, vê-se sem perspectivas quanto à sua existência e mergulhado em um imenso vazio, fazendo o mal a si próprio. Há uma "depreciação" da humanidade e uma ausência de sentidos.

Nesse contexto nota-se, de modo igual, um descrédito com relação à Filosofia, um colapso[1], que a limitou profundamente, impedindo-a de traçar senso crítico sobre os fatos correntes, ficando o sujeito "alheio" ao mundo; e tal limitação se deu facilmente por meio dos próprios Filósofos, que se fecharam em modos de pensar limitados, incapazes de lidar com a realidade. Reduziu-se assim, a reflexão tão somente a uma forma unilateral de pensamento[2]. Então, observou-se logo que o ser humano precisava voltar a si mesmo, enfrentando o tempo presente, lançando olhares para o futuro. E para tal ação, deve-se alicerçar na Filosofia como meio fundamental para o surgimento do sujeito como agente social[3], situado historicamente em um contexto sendo capaz de fazer escolhas genuinamente pensadas, críticas.

Nesse sentido, para favorecer a nossa compreensão ante o objetivo proposto, o presente trabalho se divide em três subtópicos, a saber: 1) "Panorama de mudanças: a decomposição social". Neste tópico realizaremos alguns apontamentos acerca das

[1] Touraine, em sua obra "*Crítica da Modernidade*", critica o processo de adequação das ciências humanas ao sistema positivista e matemático. A filosofia, como parte das ciências humanas, acaba por se adequar a esse sistema e, nessa perspectiva, se envereda por um caminho mais técnico e menos vivencial. Esse processo, optamos por denomina-lo de "colapso", isto é, no sentido de situação anormal, de crise, conforme o dicionário Aurélio (2000).

[2] Por vezes, a reflexão filosófica se restringe ao ambiente acadêmico, não havendo um esforço por torná-la mais compreensível. A linguagem filosófica, por vezes fica restrita ao ambiente de discussão acadêmico, sendo incompreensível a muitos, ou, até diríamos, à maioria da população. Essa crítica é melhor elaborada pelo filosofo Pierre Hadot, ao propor a filosofia como modo de vida e criticá-la, pois, na sua visão, se tornou um sistema "fechado".

[3] O termo é utilizado com base naquilo que TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 202, aborda: "o ator não é aquele que age em conformidade com o lugar que ocupa na organização social, mas aquele que modifica o meio ambiente material e sobretudo social no qual está colocado, modificando a divisão do trabalho, as formas de decisão, as relações de dominação ou as orientações culturais". Nesse sentido, optamos em utilizar, ao invés de ator, agente, pois o primeiro abre interpretação para que a pessoa apenas em um determinado momento assuma um posicionamento ativo e seja apenas um papel desempenhado por ela, enquanto o segundo (agente) deixa mais clara a intenção que desejamos abordar: um sujeito consciente da realidade em que vive e que busca, percebendo as necessidades e as dificuldades existentes, superá-las.

transformações que aconteceram nos últimos tempos e são significativas para o entendimento da problemática que este trabalho pretende refletir; 2) "Modernidade em crise: a decomposição do ser humano". Neste segundo momento, a reflexão se dará a partir da crise que o ser humano vivência, em decorrência dos acontecimentos sociais que o precederam, tema que será explicitado e correlacionado ao problema da crise da Filosofia e das Ciências Humanas/Sociais, como defendem Touraine, Tarnas, dentre outros; 3) "Do colapso do existente à volta ao sujeito como agente social". Por fim, neste último momento apontaremos algumas notas reflexivas, sem o intuito de esgotar o tema, mas contribuir para que surjam novas reflexões posteriores, em resposta à problemática refletida ao longo do trabalho.

2 Panorama de mudanças: a decomposição social

Ao findar a Idade Média, estando a sociedade Ocidental europeia mergulhada em crise, com o ápice da institucionalização da Igreja Católica, a unidade cultural predominante no Ocidente até então passa a ser colocada em questão e, com isso, abre espaço à pluralidade de pensamentos. Com a prática de vendas de indulgência e o comércio da fé, a fim de empregar dinheiro em propósitos nada religiosos, a autoridade papal e daqueles que governavam tal instituição é colocada em dúvida constante.

Nesse mesmo período, "[...] o espírito protestante prevalecia em metade da Europa; a velha ordem estava rompida. A cristandade ocidental já não era exclusivamente católica, nem monolítica, nem fonte de unidade cultural"[4]. A reforma protestante passa a compor uma transformação cultural, pois ela colabora para o desvencilhamento de ideias helenísticas presentes na cultura até então. Além disso, abre possibilidades para o desenvolvimento de um pluralismo religioso, o que culmina, com o tempo, num ceticismo e no desaparecimento da homogeneidade da perspectiva cristã que permeava a maneira de entender o mundo ocidental[5].

Logo, a Reforma Protestante é sustentada pelos príncipes e tem o apoio popular; esses são dois elementos fundamentais que contribuem para rapidamente se espalhar por toda a Europa Ocidental o espírito reformista. A responsabilidade religiosa e pessoal passa

[4] TARNAS, Richard. *A epopeia do pensamento ocidental*: para compreender as deias que moldaram nossa visão de mundo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 259.

[5] Acerca disso, sugerimos com aprofundamento duas leituras. A primeira consiste em um artigo publicado no ano de 2019, pelos autores VERAS e BORGES, na revista NEARCO, a saber: VERAS, Cesar Augusto; BORGES, Pedro Pereira. Compreensão acerca do processo de busca pelo transcendente à volta ao existente. *NEARCO - Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo*, v. 11, n. 1, p. 34-50, 2019. Quanto ao segundo texto que aborda essa temática, de forma mais densa e aprofundada, se trata da obra de FRANCA, Leonel. *A crise do mundo moderno*. Campinas, SP: Eclesiae, 2019.

a ser compreendida de outra forma, em relação à que até então era apresentada. Além disso, o senso de autonomia do ser humano em relação à Igreja se torna cada vez mais constante.

Com o aumento do protestantismo, o liberalismo passa a se desenvolver e os direitos individuais ganham sentido. Na perspectiva de Pisier, se podem constatar três motivações principais na reforma, sendo estas de ordem teológica, moral e política.

> A argumentação *teológica* está fundada sobre um retorno ao Cristianismo original, à palavra de Deus e à pessoa de Cristo; denuncia a idolatria do papado romano que substitui o amor puro de Deus pela adoração das imagens e a prática dos rituais; lembra o dogma tão firmemente estabelecido por Santo Agostinho: a essência da Religião é a Fé da criatura em seu Criador; é essa a relação profunda e imediata que estabelece a Cidade cristã, que é comunidade de caridade; a ordem da Fé é a própria ordem da Graça divina, que é insondável. A crítica *moral* toma como alvo a corrupção generalizada do alto clero, mais preocupado com o poder, a munificência e o bem-estar temporais do que com a piedade e a caridade; que joga com as inclinações animais do fiéis para exercer uma dominação que nada justifica e a disputa com os príncipes no que se refere à violência material e moral. Essa crítica transforma-se em polêmica *política*, que é de fato uma polêmica contra a Igreja como instituição política.[6]

Com a alteração de paradigma em relação ao medieval e a crescente postura cética à religião, bem como às instituições que a controlavam, ganham espaço as revoluções científicas. Estas revoluções, assim denominadas, são caracterizadas pela busca da compreensão acerca do Universo e do cosmo, propondo interpretações que aos poucos se desvinculam do viés fideísta. Nessa época são significativas figuras como: Copérnico (1473-1543 d.C.), Kepler (1561-1630 d.C.), Galileu (1564-1642 d.C.) e Newton (1643-1727 d.C.).

Assim, com a crescente indagação acerca do cosmo, o ser humano descobre que existe um Universo[7], muito maior do que o planeta Terra – única realidade conhecida até então. Coloca-se em questionamento, a partir disso, a tese defendida e dogmatizada pela Igreja Católica: o homem como centro do Universo e a Terra como o centro fixo da Criação.

Diante desse contexto, a imprensa passa a contribuir para a propagação das novas ideias e a proliferação de escritos acerca desses assuntos, não permitindo assim que a Igreja fosse, como outrora, a detentora de todas as informações. A Igreja perde, então, a representatividade dos assuntos ligados ao pleno conhecimento do Universo, já que suas teses foram desqualificadas pelos 'novos cientistas'. Sustenta Tarnas[8] que, "com Lutero, a

---

[6] PISIER, Evelyne. *História das ideias políticas*. Barueri: Manole, 2004, p. 42.

[7] Salienta TARNAS, *A epopeia do pensamento ocidental*, *cit.*, p. 281 que, "em virtude do telescópio e dos convincentes textos de Galileu, a Astronomia passou a interessar não apenas aos especialistas. Sucessivas gerações de europeus do final do Renascimento e pós-renascentistas, cada vez mais ansiosos para pôr em dúvida a autoridade absoluta de doutrinas antigas e eclesiásticas, achavam a teoria copernicana muito plausível e, sobretudo, libertadora".

[8] *Ibidem*, p. 283.

independência intelectual do Ocidente se afirmara no campo da Religião; com Galileu, ela deu um passo totalmente para fora da Religião, estabeleceu novos princípios e abriu um novo território".

Consequentemente, duas ideias são fundamentais para compreender o Ocidente, sendo elas: o pensamento de Descartes (1596-1650 d.C.) e a formação da cosmologia Newtoniana. Descartes propõe um método que se tornaria conhecido como método cartesiano, este método consiste em quatro preceitos básicos:

> O primeiro era o de não acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal. [...] O segundo, o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las. O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos. [...] E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir. [9]

Com Descartes tal método passa a ter um lugar preponderante, sendo aquele que discerne se algo é válido ou não. Isso acontece principalmente porque na época de Descartes a visão de mundo até então predominantemente cristã desmoronava e a sociedade estava vivenciando uma crise de representatividade, isto é, as autoridades haviam perdido a credibilidade e estavam a todo momento sendo questionadas. Desse modo, no entendimento de Descartes *apud* Tarnas (1999), o cientista deveria buscar aquilo que pode ser percebido de modo claro, distinto e passível de análise[10].

Com Newton[11], percebe-se que existe um mecanismo, um conjunto de leis que rege os movimentos do Universo. A natureza é uma máquina que é orientada por leis matemáticas e a ciência é capaz de compreendê-las. Ao passo que o ser humano compreende a natureza distante de Deus, entendendo-a como um mecanismo, segundo Tarnas (1999), Deus passa a ser percebido como tão somente "um arquiteto divino, mestre matemático e relojoeiro". Sendo assim, é possível inferir que o homem moderno visa entender como funciona o Universo, livre de quaisquer pressupostos divinos.

---

[9] DESCARTES, René. *Obra escolhida*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1973, p. 53-53.

[10] Em Descartes, Deus ainda exerce um papel fundamental, porém, a partir da revisão dos autores elencados para essa pesquisa, notamos que, com o advento do pensamento cartesiano, as instituições religiosas sofreram grande influência. A partir de uma perspectiva social, isso acarreta mudanças significativas no comportamento, pois, se outrora as instituições "ditavam" as normas do agir, agora isso passa a ser ainda mais questionado.

[11]Entretanto, TARNAS, *A epopeia do pensamento ocidental*, *cit.*, p. 325, explica que Descartes e Newton acreditam em Deus. Enquanto para Newton a matéria precisa de um primeiro motor - um arquiteto, algo superior -, Descartes vê Deus como uma ideia inata, o mundo objetivo existe como realidade objetiva, pois já existe na mente divina.

O Deus judaico-cristão passa a ser compreendido como uma criação do próprio homem. O Empirismo e a Filosofia Crítica tentam de forma acentuada reduzir a ênfase aos aspectos teológicos na filosofia moderna. E, com a introdução da crítica textual, propriamente do método histórico-crítico nas escrituras[12], enfraquece o restante da dimensão mística e fideísta ainda presente no Cristianismo, tornando vulnerável a Instituição autêntica– a Igreja Católica -, porto seguro durante tantos anos, mas para eles, "incapaz" de dialogar com os tempos atuais.

Enquanto, por esse víeis, o catolicismo cristaliza-se no passado não conseguindo dialogar com os tempos atuais, a leitura literal das sagradas escrituras no protestantismo entra em divergência com a ciência, levando à instabilidade institucional e religiosa de ambos – catolicismo e protestantismo -. "Em qualquer desses casos, o Cristianismo perdeu boa parte de sua importância na cultura contemporânea. No século XX, milhares de pessoas abandonaram silenciosamente a religião herdada, o que reduziu *in extremis* sua importância cultural"[13]. Posteriormente, no final do século XX, com o Concilio Vaticano II, a Igreja Católica – artífice na construção do pensamento Ocidental – iniciará o movimento dialógico com o mundo moderno, visando um resgate com relação ao elo rompido – com o advento da secularização – entre a fé e razão[14].

3 Modernidade em crise: a decomposição do ser humano

Frente às diversas mudanças ocorridas no Ocidente, tal como a degradação das Instituições, a preponderância do individualismo e a autonomia, emergem alguns movimentos com o intuito que objetiva "entender" o inconsciente do "ser humano". Dentre tais movimentos, pensadores como Karl Marx (1818-1883 d.C.), que apontará para a necessidade de uma separação entre espiritual e o temporal. Desse modo, "a vida social nada mais é que a luta entre o valor de uso e o valor de troca, das forças de produção contra as relações sociais de produção"[15].

---

[12] Sobre este tema, para aqueles que tenham interesse em aprofundar, sugerimos HAHN, Scott; WIKER, Benjamin. *Politização da Bíblia: as raízes do Método Histórico-Crítico e a secularização da Escritura – 1300-1700*. Campinas, SP: Eclesiae, 2018.

[13] TARNAS, *A epopeia do pensamento ocidental*, *cit.*, p. 339.

[14] Com esse intuito, além dos diversos outros documentos promulgados pelo Concílio Vaticano II, o Papa João Paulo II, líder da Igreja Católica entre os anos de 1978 a 2005, às portas de iniciar o novo milênio publica uma carta encíclica, denominada de "*fides et Ratio"* se dirigindo particularmente aos bispos e pedindo a eles que tivessem um olhar mais atento a esse diálogo com as ciências. Que dessem particular atenção ao diálogo entre a fé e a razão, pois são como duas azas que devem estar juntas.

[15] TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 114.

Também nessa perspectiva, constatando a concepção de situação social - visando perceber o modo como o "ser humano" vive no contexto em que está situado -, Nietzsche (1844-1900 d.C.) explicitará sua máxima: Deus está morto! E prossegue: E fomos nós que o matamos! Desse modo, verifica-se a perda daquilo que até outrora era tido como o mais Sagrado da sociedade, o mais poderoso.

A partir dessa percepção, ressurge o "reencantamento" pela vida social, e o sujeito move-se para se situar em meio às preocupações com as situações mais cotidianas, não mais tanto com o mundo sobrenatural e coisas que não são "palpáveis". Passa a haver uma valorização, desse modo, maior com aquilo que é empírico, fruto da sensível e comprovável.

Com Freud (1856-1939 d.C.), o ser humano é impelido a lutar com a própria natureza. Deus para Freud passa a ser entendido como uma projeção infantil. Ele mesmo comenta em seu ensaio Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância, no ano de 1910 que:

> A psicanálise tornou conhecida a íntima conexão existente entre o complexo do pai e a crença em Deus. Fez ver que um Deus pessoal nada mais é, psicologicamente, do que uma exaltação do pai, e diariamente podemos observar jovens que abandonam suas crenças religiosas logo que a autoridade paterna se desmorona para eles. Reconhecemos, pois, no complexo parental a raiz da necessidade religiosa; o Deus justo e todo-poderoso e a natureza bondosa se nos afiguram como sublimações grandiosas do pai e da mãe, ou melhor, como restabelecimentos e restaurações das representações que se tinha de um e de outra na primeira infância. Biologicamente, a religiosidade remete ao duradouro desamparo e necessidade de ajuda da criança, que, mais tarde, quando reconhece sua impotência e sua fraqueza efetivas diante das grandes potências da vida, volta a sentir-se como na infância e procura negar seu estado de abandono reeditando regressivamente as potências protetoras da infância. Essa proteção que a religião oferece aos crentes, evitando que eles caiam doentes de neurose, se explica facilmente pelo fato de que ela os desembaraça do complexo parental, ao qual está ligada a consciência de culpabilidade, seja do indivíduo, seja da humanidade inteira, liquidando para eles esse complexo, ao passo que o descrente tem que cumprir esta tarefa sozinho.[16]

Para ele [Freud], as motivações humanas emergem de impulsos irracionais e animais, a partir dessas ideias a própria dignidade e humanidade do ser humano é questionada. A partir de Nietzsche e Freud, o ser humano, nesse novo sentido que lhe é atribuído, deixa de ser percebido estritamente como um ser social (como entendido por Karl Marx[17]) e passa a ser compreendido como um ser de desejo, dotado de forças impessoais, inerentes à sua própria natureza, bem como um ser individual e privado. O indivíduo era

[16] FREUD, Sigmund. *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XI, pp. 67-142)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996, p. 110.
[17] Para Marx, a vida social é uma constante luta entre o valor de uso e o de troca das forças de produção, em oposição às relações sociais de produção (*Idem*).

unido a um Universal por meio: de Deus, da História ou da razão. Com a "morte de Deus", a razão passa a ser instrumentalizada e a História tem necessidade responder aos ditames dos Estados absolutos. Desse modo, faz-se necessário reconstituir o elo que liga as partes a um todo[18].

Outro pensador que contribui para a compreensão acerca da decomposição das estruturas Ocidentais - dentre elas a reformulação da ideia de ser humano - é Immanuel Kant (1724-1804 d.C.). Segundo Kant, na leitura de Tarnas (1999), o que está suscetível ao conhecimento do homem é o que se chama de mundo fenomênico. O homem não conhece a "coisa em si", mas apenas aquilo que se mostra a ele, conhece as coisas apenas em suas aparências. No próprio ato de perceber e julgar o mundo (entendido por Kant como mundo fenomênico) ela se forma. A tarefa da Filosofia Kantiana consiste em investigar a estrutura formal da mente, visto que a origem e o fundamento para conhecer o mundo de modo seguro, se encontra na própria mente. Na perspectiva de Tarnas[19],

> Com os avanços do conhecimento científico e filosófico, a mente moderna já não poderia basear a religião em fundamentos cosmológicos ou metafísicos, mas sim na estrutura da própria situação humana; com essa percepção decisiva, Kant definiu a direção do pensamento religioso moderno, seguindo o espírito de Rousseau e Lutero. O Homem estava livre do externo e do objetivo para formar sua resposta religiosa à vida. A verdadeira base do significado religioso era a experiência pessoal interior, não a demonstração objetiva ou a crença dogmática.

A fragmentação do homem e da sociedade como um todo, leva o ser humano à perda de sentido. No final do século XX, impulsionados pela propaganda e publicidade[20], o ser humano se dá conta do imenso vazio em que mergulhou. Percebe, assim, que é necessário e fundamental atribuir um sentido à existência que esteja além do próprio ser humano.

Estando a fé na ciência, como aquela capaz de dar respostas às novas épocas, tendo em vista o desenvolvimento e a industrialização; a dita razão modernizadora, golpeia o ser humano com a construção de armas capazes de destruir a si mesmo. A descoberta einsteiniana da equivalência das massas e energia - sem contar o ápice da capacidade criativa

[18] Esse mesmo tema é tratado, na leitura de Pierre Hadot, por Plotino, a partir da experiência do um.
[19] TARNAS, *A epopeia do pensamento ocidental, cit.*, p. 375.
[20] Esses meios contribuem para o desenvolvimento de uma "cultura do consumo" e da busca pelo prazer de maneira desenfreada, levando o ser humano a buscar cada vez mais adquirir coisas, com o intuito de se satisfazer. Porém, a pessoa percebe, num dado momento, que falta algo. A influência desses meios, é trabalhada de maneira mais aprofundada pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky (1944 - +...), onde ele caracteriza esse tempo em que vivemos como hipermoderno e a atitude praticada como um gesto de hiperconsumo. Isso é detalhado, de maneira particular, em sua obra: "*A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade do Hiperconsumo*".

do ser humano - trouxe à humanidade a possibilidade da autodestruição, sobretudo, com a bomba atômica, levando a uma ameaça de catástrofe global.

Concomitante à irracionalidade da ciência, emerge o Holocausto do século XX entre os anos de 1939 e 1945. Na tentativa desesperada de desenvolvimento nacional, impelidos pela xenofobia e estando em meio a uma crise política interna e principalmente econômica, a Alemanha tenta criar uma raça pura, chamada de raça Ariana. Em nome do desenvolvimento econômico e na corrida industrial, escravizam e posteriormente eliminam milhões de judeus.

O episódio do holocausto é retratado por diversos autores, tal como Victor Frankl (1905-1997 d.C.), Edith Stein (1891-1942 d.C.) e Hanna Arendt (1906-1975 d.C.), dentre outros. Nesse período, o instinto do homem sobrepõe as regras de convívio social e a ética. O único objetivo diante da perseguição alemã ao povo judeu é a sobrevivência. Desse modo, Frankl (1991) salienta que o clima predominante na época era de total desconfiança no outro. Vizinhos e conhecidos traíam uns aos outros na tentativa de sobreviver ao holocausto e não serem presos. Frente a tal cenário, Stefani[21] explicita que,

> No livro-testemunho de Wiesel, *à noite*, há um trecho que se tornou marco na reflexão teológica do pós-Auschwitz. Nele se descreve o enforcamento de um menino no campo de Auschwitz. Diante daquele corpo pendente ainda não completamente exangue, surgiu entre os presentes uma pergunta: 'Onde está Deus?' 'E eu sentia em mim uma voz que lhes respondia: 'Onde está? Ei-lo: está ali, pendurado àquela forca.

Fearn[22] apresenta que "[...] a Filosofia entrou numa época pós heroica". Ao longo da história, a filosofia perpassou cinco principais revoluções, sendo que estas influenciaram profundamente o desenvolvimento das ideias no Ocidente. Nesse sentido, a primeira revolução, a saber, foi quando começaram a utilizar a razão nos séculos V e VI a.C, como um meio para conhecer, desvendar a verdade, alcançar a *arché* daquilo que existe. A Segunda, acontece por volta do século XVIII, Immanuel Kant leva a cabo a transferência da ênfase no objeto para o sujeito. Segundo Kant, na leitura de Fearn[23], "quanto mais conhecemos as capacidades de nossas mentes, mais nos aproximamos do verdadeiro conhecimento. Só podemos compreender os limites de nosso mundo examinando os limites do pensamento humano". A terceira revolução acontece na Grã-Bretanha, com John Locke

[21] STEFANI, Piero, *Pensar e crer depois de Auscwitz*. *In*: GIBELLINI, Rosino. *Deus na filosofia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 617.
[22] FEARN, Nicholas. *FILOSOFIA novas respostas para antigas questões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 9.
[23] *Ibidem*, p. 10.

(1632-1704 d.C.) e David Hume (1711-1776 d.C.) ambos são os organizadores do sistema filosófico conhecido como empirismo. Segundo os precursores do empirismo, "só podíamos conhecer o que estava no âmbito de nossa experiência. A razão por si mesma não era capaz de descobrir nada de novo, mas meramente de rearticular o conhecimento já fornecido pelos sentidos"[24].

Dessa forma, no século XIX acontece a quarta revolução. Hegel (1770-1831 d.C.), em seus estudos, procura vislumbrar o que o homem pode vir a ser, ao invés de ver o que ele é. Sendo assim, a quinta revolução, se dá em meados do século XX com o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951 d.C.) propondo que os limites do pensamento são delineados pelos limites da linguagem. A validação da verdade em Wittgenstein reside na gramática da prática pública, ou seja, só é possível validar compreendendo o contexto linguístico.

Depois das cinco revoluções, segundo Nicholas Fearn, os filósofos ocidentais ficaram "imbuídos de todas essas mudanças, mas uma em particular arrebatou sua imaginação nos últimos anos: a promessa empirista de uma filosofia 'científica'"[25].

Logo, "o pensamento neste final de século se desprende lenta e dificilmente de uma nostalgia do Ser que não é mais sustentada pela justa recusa de um presente insuportável. É necessário pensar, criticar, transformar uma sociedade presente"[26]. A confiança cartesiana na Razão humana perde seu valor diante das novas descobertas e do estudo acerca do inconsciente e *psiquê* humana. Aos poucos a filosofia então se redireciona à discussão de problemas linguísticos, dentre outras problemáticas, porém tais discussões já faziam-se desvencilhadas da metafísica clássica. Assim, a filosofia perde sua influência cultural que outrora havia conquistado. Segundo Tarnas[27], "a filosofia tona-se mais técnica, mais preocupada com a metodologia e mais acadêmica; os filósofos cada vez mais escrevem uns para os outros e nem tanto para o público"[28].

---

[24] *Idem*.
[25] *Ibidem*, p. 11.
[26] TOURAINE, *Crítica da modernidade*, *cit.*, p. 173.
[27] TARNAS, *A epopeia do pensamento ocidental*, *cit.*, p. 380.
[28] Como resposta a essa problemática, o filósofo Pierre Hadot (1922-2010) propõe, a partir da releitura da filosofia antiga, que a mesma seja um modo de viver. Um modo de vida e conversão interior. Para aqueles que tenham interesse em aprofundar essa temática, a partir de Hadot, recomendo: "*O que é a filosofia Antiga?*" e "*Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*", ambas citadas nas referências para facilitar a procura.

4 Do colapso do existente à volta ao sujeito como agente social

Tendo apontado algumas notas que elucidam o processo de decomposição social, bem como do ser humano que culmina na perda de sentido existencial e da liberdade, e no colapso do fazer filosófico, resta propor algumas possibilidades de saída para a situação degradante que vivencia o Ocidente diante de tais mudanças e transformações sociais. "Precisamos, portanto, de um *novo paradigma*, pois não podemos voltar ao paradigma político [tradicionais e inadequados], sobretudo, porque os problemas *culturais* adquiriram tal importância que o pensamento social deve organizar-se ao redor deles"[29].

Nessa sociedade, já degradada por diversas mudanças, o ser humano inexiste, enquanto sobressai o individualismo, isto é, aquele que age apenas conforme seu bem e basta por si só, não depende do "absoluto", tampouco do outro, colocando assim a ética em questão. Tal indivíduo, motivado pelas propagandas e as novas indústrias, desperta em si, de modo avassalador, os desejos, as necessidades e o consumo. Aparentemente, a atitude de consumidores, pode emergir como uma necessidade de autoafirmação diante das seguranças inexistirem em tal contexto. Salienta Touraine[30] que,

> O sujeito se forma na vontade de escapar às forças, às regras, aos poderes que nos impedem de sermos nós mesmos, que procuram reduzir-nos ao estado de componente de seu sistema e de seu controle sobre a atividade, as intenções e as interações de todos. Estas duas lutas contra o que nos rouba o sentido de nossa existência são sempre lutas desiguais contra um poder, contra uma ordem. Não há sujeito senão rebelde, dividido entre raiva e esperança.

Constantemente, nesta sociedade (moderna, contemporânea ou pós-moderna, como achar por melhor denominá-la[31]) o indivíduo é fragmentado, desintegrado e perde-se nas suas emoções e reações, tornando-se incapaz de refletir sobre a realidade tempo-espaço em que está situado. No decorrer de muitos séculos, o ser humano colocou sua motivação e crença em algo superior – Ser Transcendente; Absoluto; Deus; força cósmica; ordem universal; dentre outras. Contudo, essa tentativa de atribuição do sentido e motivação à uma realidade metafisica se esgota, começa então o ser humano a desiludir-se com a própria existência, visto que defronte ao sofrimento, ao holocausto, às guerras, massacres e doenças, essa realidade metafísica, esse "Ser" superior mantém-se quieto e inerte diante de tais

[29] TOURAINE Alain. *Um novo paradigma*: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 9.
[30] TOURAINE, *Um novo paradigma*, *cit.*, p. 119.
[31] Nosso objetivo não consiste, neste trabalho, em discutir o termo mais adequado, visto que há divergências entre os estudiosos em questão.

situações. Assim, o sujeito emerge com uma necessidade de voltar a si mesmo, não como num possível individualismo, mas uma volta à consciência de si como agente social.

Para que a consciência de sujeito, bem como de agente social seja formada, Touraine (2006) percebe a necessidade do aparecimento de três componentes fundamentais, a saber: a relação a si mesmo - compreendendo que o fim do sujeito é ele mesmo; o conflito com forças que impeçam a possibilidade de existirem sujeitos livres e queiram dominá-los; e, por fim, a capacidade do sujeito propor uma concepção ampla e clara acerca do indivíduo, não estando atrelado a princípios já estabelecidos, mas sendo capazes de analisar e refletir. Todavia, "fomos por tanto tempo julgados pelo que fazíamos e não pelas condições em que vivíamos que temos dificuldade de combinar uma visão mais reflexiva com esta concepção ativa dos seres humanos"[32].

Sincrônico a isso, Tarnas (1999) explica que o ser humano age e julga em contextos que não poder ser objetificados, motivado e orientado de modo que tais orientações e motivações não podem ser completamente controladas. Touraine[33] salienta que,

> O drama da nossa modernidade é que ela se desenvolveu lutando contra a metade dela mesma, fazendo a caça ao sujeito em nome da ciência, rejeitando toda a bagagem do Cristianismo que vive ainda em Descartes e no século seguinte, destruindo em nome da razão e da nação a herança do dualismo cristão e das teorias do direito natural que haviam provocado o nascimento das Declarações dos direitos do homem e do cidadão nos dois lados do Atlântico. De forma que continuamos a chamar de modernidade o que é a destruição de uma parte essencial dela mesma. Não existe modernidade a não ser pela interação crescente entre o sujeito e a razão, entre a consciência e a ciência, por isso quiseram nos impor a ideia de que era preciso renunciar à ideia de sujeito para que a ciência triunfasse, que era preciso sufocar o sentimento e a imaginação para libertar a razão, e que era necessário esmagar as categorias sociais identificadas com as paixões, mulheres, crianças, trabalhadores e colonizados, sob o jugo da elite capitalista identificada com a racionalidade.

Com a falência de sistemas ideológicos que atrelaram a liberdade do sujeito ao sucesso de determinado sistema político, sobressai em tais situações o vazio. Nesse sentido, a religião também exerce, em alguns casos e realidades, o papel de domínio, prejudicando o aparecimento do sujeito, bem como do agente social, visto que seus adeptos devem acatar "respostas" e "verdades absolutas" oferecidas pela "Instituição" religiosa.

Assim, "os espíritos religiosos que buscam fundir-se no universo, identificar-se com o grande Tudo, são os que mais longe se encontram da ideia de sujeito e o sabem"[34]. Contudo, Victor Frankl, difere de Touraine acerca da religião e de Deus, expondo em sua

[32] TOURAINE, *Um novo paradigma, cit.*, p. 131.
[33] *Ibidem*, p. 219.
[34] *Ibidem*, p. 165.

obra *Em busca de sentido*, que diante do sofrimento e das intempéries que afetam o ser humano - fruto de atitudes de outros ou realidades conaturais -, ele é capaz de encontrar um sentido a fim de continuar vivendo e existindo[35].

Acerca da necessidade de voltar ao sujeito como agente social transformador, Touraine[36] explica que "o mundo humano não está deserto; está cheio de ruínas, de campos de batalha, de hospitais repletos de cadáveres, e igualmente de ordens absurdas e de atitudes arbitrárias, mas também de desejo de viver e de se libertar".

Ainda, de acordo com Harvey (1935-+...) (1993) alguns grupos diante da fragmentação social "desejam que retornemos ao classicismo e outros buscam que trilhemos o caminho dos modernos"[37]. Dessa forma, acaba tornando mais fácil cristalizar-se num passado distante e remoto, olhando apenas suas benesses e esquivando o olhar das intempéries próprias daquele tempo áureo – assim tido por alguns -, enquanto é mais penoso encarar os tempos atuais, com os desafios da globalização, secularização, industrialização e paganismo, sendo capaz de dialogar com essas e tantas outras realidades. Desse modo, o filósofo é aquele sujeito capaz de analisar criticamente (de forma lúcida, clara, livre de conceitos pré-estabelecidos e quaisquer tabus) e refletir os tempos atuais.

Além disso, a Filosofia, mais do que em qualquer outra época, frente às problemáticas que os tempos atuais vivencia, precisa ser capaz de dialogar com as demais ciências, gerando uma interdisciplinaridade, pensando e refletindo de modo genuíno, autêntico, propondo caminhos de superação às problemáticas atuais. Com este percurso, a Filosofia pode ser capaz de sair da fragmentação (cartesiana) rumo a um Todo[38]. Não olhar a realidade apenas de modo fragmentado, mas a partir do particular ser capaz de constituir o todo numa análise ampla e sensata; não meramente repetindo autores ou pensamentos já desenvolvidos em outras épocas para outros contextos e realidades, sendo muitas vezes

---

[35] Este tema é trabalhado em outro artigo, por ALMEIDA, V. da G., VERAS, C. A., & BORGES, P. P. Apontamentos acerca da busca pela felicidade na contemporaneidade. *Multitemas*, v. *25 n.* 60, p. 103-125, 2020.

[36] TOURAINE, *Um novo paradigma*, *cit.*, p. 166-167.

[37] HARVEY, David. *A condição pós-moderna*: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Pulo: Loyola, 1993, p. 326.

[38] O "todo" aqui é entendido em contraposição à fragmentação. O filósofo deve ser capaz de um olhar panorâmico da realidade e das diversas problemáticas que afetam diretamente o ser humano. Para além de discutir conceitos, que também são importantes para se entender determinados aspectos, a crítica fundamental de Hadot, Touraine, Tarnas, dentre outros, é que a filosofia, num determinado momento, foi se afastando da realidade concreta das problemáticas sociais, como era em seu período genuíno com Sócrates, antes da "institucionalização". Este é um tema já abordado em outro artigo, por VERAS e BORGES, publicado pela revista Synesis, da Universidade Católica de Petrópolis, intitulado: "*A transformação de uma filosofia terapêutica à institucionalização*".

incapazes de proporcionar alternativas às crises vivenciadas neste tempo e espaço. Além disso, deve levar o sujeito, o agente social (este que é capaz de transformar a sociedade, o meio em que vive) a reencontrar o sentido de sua existência e seu papel na sociedade, enquanto ser humano, sujeito e crítico, livre de quaisquer dominações, mas ao contrário, sendo capaz de fazer escolhas conscientes, reflexões profundas e maduras.

5 Considerações finais

Ao longo da história, o ser humano foi fortemente influenciado em seu modo de ser e de se comportar. Os diversos acontecimentos vão, portanto, moldando a forma de vida social. Quando analisado, de modo particular, o período de transição da idade média para o que é chamado de modernidade, percebe-se mudanças de paradigmas; isto é, transformações nos critérios a partir dos quais se observa as múltiplas realidades humanas. As transformações sociais se iniciam na esfera intelectual e estes – os intelectuais – vão introduzindo maneiras de ser e viver.

O Filósofo, nesse sentido, deve ser aquele capaz de observar o todo, analisar as múltiplas variantes do problema e encontrar as causas. Entretanto, a partir dessas mudanças de paradigmas, nota-se que não é isso que tem acontecido. A maioria dos Filósofos – ditos intelectuais - centram-se em visões muitas vezes unilaterais. Levam, desse modo, a se estabelecer um pensamento hegemônico, com uma única verdade universal, que deve ser mantida a qualquer custo.

Nota-se então, que o ser humano mergulha, principalmente na transição do século XIX para o século XX numa crise de sentido existencial; uma crise onde percebe sua limitação defronte à catástrofe pós primeira guerra mundial: a condição da Europa, dentre outras coisas que influenciam. Surgem então, diversos movimentos que buscam encontrar meios com os quais lidar com a realidade social. Porém, acabam sendo insuficientes e trazem consigo, por vezes, uma visão que não corresponde à realidade concreta enquanto um todo, mas apenas um fragmento, olham a partir de uma visão “ideologizada” e “ideologizante”.

Predomina, portanto, um certo descrédito com relação à Filosofia. Ela mergulha num “colapso”. A educação aos poucos vai mergulhando cada vez mais neste, levando o sujeito a ficar alheio à realidade, com uma visão tão somente fragmentada do real. O ser humano não nutre em si uma presença real e efetiva. Contata-se então a necessidade, defronte a tal cenário, do ser humano voltar o olhar sobre si mesmo; perceber como está sendo sua presença no mundo e, assim, enfrentar o tempo presente.

Responder aos questionamentos que a própria vida lhe impõe. Desse modo, é fundamental que o sujeito se perceba como um agente social, inserido no mundo e com grandes capacidades para gerar transformações. Capaz de fazer escolhas e partindo de uma análise do real, a partir do todo, percebendo assim, as múltiplas possibilidades e variáveis; tendo um olhar reflexivo, crítico e profundo da realidade, visando a transformação e o desenvolvimento integral e integralizador.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, V. da G.; VERAS, C. A.; BORGES, P. P. Apontamentos acerca da busca pela felicidade na contemporaneidade. *Multitemas, [S. l.]*, v. 25, n. 60, p. 103–125, 2020. DOI: 10.20435/multi.v25i60.2604. Disponível em: https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/2604. Acesso em: 20 jun. 2022. Acesso em 01 abr. 2021.

DESCARTES, René. *Obra escolhida*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1973.

FEARN, Nicholas. *FILOSOFIA novas respostas para antigas questões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FRANCA, Leonel. *A crise do mundo moderno*. Campinas, SP: Eclesiae, 2019.

FREUD, Sigmund. *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XI, pp. 67-142)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

GILLES, Lipovetsky. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017.

HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo, SP: É Realizações Editora, 2014.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.

HAHN, Scott; WIKER, Benjamin. *Politização da Bíblia: as raízes do Método Histórico-Crítico e a secularização da Escritura – 1300-1700*. Campinas, SP: Eclesiae,2018.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. São Pulo: Loyola, 1993.

JOAO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. São Paulo: Paulinas, 1998.

PISIER, Evelyne. *História das ideias políticas*. Barueri, SP: Manole,2004.

STEFANI, Piero, Pensar e crer depois de Auscwitz. *In*: GIBELLINI, Rosino. *Deus na filosofia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 617-30.

TARNAS, Richard. *A epopeia do pensamento ocidental: para compreender as deias que moldaram nossa visão de mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

TOURAINE, Alain. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VERAS, C. A.; BORGES, P. P. A transformação de uma filosofia terapêutica à institucionalização. *Synesis*, v. 10, n. 2, p. 29–42, 2019. Disponível em: https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1600. Acesso em: 01 abr. 2021.

VERAS, Cesar Augusto; BORGES, Pedro Pereira. Compreensão acerca do processo de busca pelo transcendente à volta ao existente. *NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo*. v. 11, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/nearco/article/view/40855>. Acesso em: 01 abr. 2021.

Como citar este artigo: VERAS, Cesar Augusto; PEIXOTO, Fernando Campos; BORGES, Pedro. O colapso do existente e a volta ao sujeito como agente social: notas a partir de Richard Tarnas e Alain Touraine. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 1–18, 2022.

Recebido em 16.03.2022

Publicado em 21.06.2022

(cc) BY-NC-SA Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional